

RUA JOSÉ PEDRO DE FREITAS - ZÉ ARIGÓ

(1922 - 1971) - Filântropo

Decreto nº 4220 de 28-02-1973

Decreto nº 4642 de 17-04-1975 (Alterando redação do decreto anterior)

Protocolado nº 12.661 de 23-04-1971

Formada pela rua 10 do Jardim Garcia - 1a. gleba

Início na rua Castelnuovo

Término na rua Transamazônica

Jardim Garcia

Obs.: Ambos os decretos foram assinados pelo Prefeito Municipal dr. Lauro Péricles Gonçalves

JOSÉ PEDRO DE FREITAS - ZÉ ARIGÓ

Nasceu em 18-10-1922, na Fazenda "do Faria", proximo de Congonhas, MG, e faleceu em 11-01-1971, em acidente automobilístico na estrada entre Congonhas do Campo e a variante para São João Del Rei. Era filho de Antonio de Freitas Sobrinho e Maria André de Freitas. Com estudos primários incompletos e vivendo na zona rural, aos 14 anos para ajudar o pai, José Pedro de Freitas começou a trabalhar na Cia. de Mineração de Ferro e Carvão, e após em Congonhas, no distrito de Casa Grande, onde ganhou o apelido de Zé Arigó. Pouco depois dedica-se ao comércio com o "Bar do Arigó", sem obter êxito. Casa-se com Arlete Soares, e numa vida simples e de miséria, trabalha na extração de ferro pa da Cia. Siderúgica Nacional. Aos 26 anos, passa a sentir os primeiros sintomas paranormais. Ouve vozes, sente fortes dores de cabeça, tem vi sões, e uma dormência toma-lhe todo o corpo, iniciando-se na ponta do dedo do pé. Sem outra alternativa Zé Arigó cede àqueles fenômenos e uma manifestação de poder sobrenatural desce sôbre êle e através de suas mãos passa à cura de milhares de pessoas que vão à sua procura. Sua fama em pouco tempo toma conta do Brasil, ultrapassando nossas fronteiras. Diariamente chegam à Congonhas caravanas de peregrinos. Cientistas de todo o mundo visitam Zé Arigó e jornais, rádios e tele- visões estrangeiras passam a abordar e pesquisar os fenômenos regis- trados. No Brasil, sofreu perseguições de médicos e suas associações, sendo processado e preso, enquanto Zé Arigó sempre afirmava: "Eu não curo e sim o dr. Fritz, o enviado do Pai". Com todos esses problemas, continuou atendendo e curando até sua morte.

## RUA JOSÉ PEDRO DE FREITAS - ZÉ ARIGÓ



## DECRETO N.º 4220, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1973.

## Dá denominação a via pública da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969:

## D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada ZÉ ARIGÓ (1922 - 1971) — "FL. LANTROPO" — a rua 10 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início na rua Castelnovo e término na rua 20.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 28 de fevereiro de 1973.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES  
PREFEITO MUNICIPAL  
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS  
ENGL.º JOÃO POZZUTO NETTO  
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos com os elementos constantes do protocolado n.º 012661/23.04.1971 e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito em 28 de fevereiro de 1973.

JOSÉ ROBERTO COPPI CUNHA  
CHEFE DO GABINETE

RUA JOSÉ PEDRO DE FREITAS



**DECRETO N.º 4.642, DE 17 DE ABRIL DE 1975.**

**Altera a redação do Artigo 1.º do Decreto N.º 4.220, de 28 de Fevereiro de 1973, que denominou Zé Arigó uma via pública da cidade de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

**DECRETA:**

Artigo 1.º — Passa a ter a seguinte redação o artigo 1.º do Decreto n.º 4220, de 28 de fevereiro de 1973, que denominou ZÉ ARIGÓ uma via pública da cidade de Campinas:

“Artigo 1.º — Fica denominada JOSÉ PEDRO DE FREITAS — ZÉ ARIGÓ — (1922 - 1971) — FILANTROPO —, a Rua 10 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início na Rua Castelnuovo e término na Rua 20”.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 17 de abril de 1975.

**DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES**

*Prefeito de Campinas*

**DR. JOÃO BAPTISTA MORANO**

*Secretário dos Negócios Jurídicos*

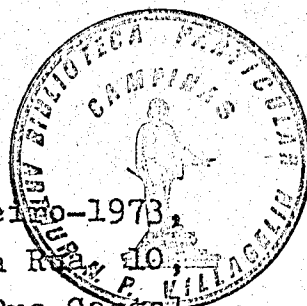
**ENG.º JAIR KALIFE**

*Secretário de Obras e Serviços Públicos*

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 12.661, de 23 de abril de 1971, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 17 de abril de 1975.

**DR. ARMANDO PAOLINELI**  
*Chefe do Gabinete*

RUA JOSÉ PEDRO DE FREIRAS  
ZÉ ARIGÓ - (1922 - 1971) - FILANTROPO



(Denominação dada pelo Decreto 4220 de 28-fevereiro-1973, modificado pelo decreto 4642 de 17-abril-1975, à Rua do Jardim Garcia, la. gleba, que tem início na Rua Castelnuovo e término na Rua 20)

José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, nasceu em 18-outubro de 1922, na Fazenda "do Faria", nas proximidades de Congonhas, no interior de Minas Gerais. Era filho de Antonio de Freitas Sobrinho e de d. Maria André de Freitas, constituindo-se no primeiro filho de uma prole de dez, de infancia pobre na enxada.

Aos sete anos dividia o seu tempo entre o Grupo Escolar "Barão de Paraopeba", de Congonhas e os afazeres na fazenda do pai. As condições desfavoráveis do casal não permitiram, no entanto, que o menino pudesse se deslocar para uma cidade onde houvesse colégio. Aprendeu as quatro operações, assinar o nome, fazer bilhetes, cursando até o 3º ano primário. Assim, continuou nas lides agrícolas, debulhando milho, ordenhando as vacas, alimentando os porcos, colaborando com o pai.

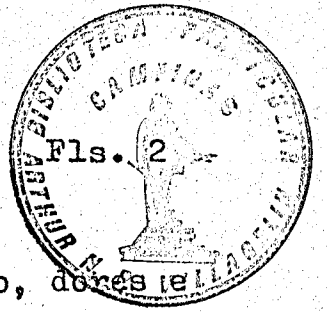
Aos 14 anos, para judar o pai, começou a trabalhar na Companhia de Mineração de Ferro e Carvão. Seis anos mais tarde, com 20 anos, portanto, vai morar em Congonhas, com uma madrinha e a avó paterna. Começou a trabalhar no distrito de Casa Grande, como mineiro, em uma empresa de mineração, surgindo aí o apelido de Zé Arigó.

Não ficou muito tempo nesse local, pois seu pai chamou-o de volta à Congonhas, onde lhe deu um bar, o "Bar do Arigó". Não teve êxito, devolvendo o estabelecimento a seu pai.

Aos 25 anos de idade, em 18 de setembro de 1944, José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, casa-se com Arlete Soares, filha de família radicada em Congonhas. Os primeiros meses e os anos seguintes até 1948, Arigó e d. Arlete levam uma vida simples e de miséria, enfrentando sérias dificuldades. Ele trabalhava com picareta nos morros da Casa de Pedra, na extração de ferro para a Companhia Siderúrgica Nacional, de Volta Redonda, enquanto que d. Arlete trabalhava de manhã à noite costurando. Com a miséria campeando, os filhos foram nascendo.

Após algum tempo, Zé Arigó passou a ouvir vozes e a sen

RUA JOSÉ PEDRO DE FREITAS - ZÉ ARIGÓ



tir fortes dores de Cabeça. Três anos de martírio, dores quase loucura. As visões continuavam, ocasiões em que via uma sala de operações médicas, várias pessoas, principalmente um senhor careca. Essa figura logo depois, passou a falar em um idioma estranho. Era o médico alemão, dr. Adolf Fritz.

Arigó passou a sentir uma dormência que, segundo ele, começava na ponta do dedo do pé e tomava-lhe todo o corpo. Não teve outra alternativa, senão ceder àqueles fenomenos, que tanto lhe transtornaram a vida, no lar e no seu íntimo.

Uma manifestação de poder sobrenatural descia do além para fazer dele, de suas mãos, a cura de milhares de pessoas que passaram, então, a procurá-lo. A fama de seus feitos ganhou Minas Gerais e em pouco tempo tomou conta do Brasil, ultrapassando nossas fronteiras. Diariamente começou a chegar à Congonhas caravanas de peregrinos. Diversos foram os cientistas estrangeiros, bem assim, jornais e televisões internacionais que passaram a abordar e pesquisar os fenomenos registrados através de Arigó. No Brasil, sofreu perseguições e os médicos e suas associações, não cansaram de abrir processos imputando-lhe a fama de mandingueiro e bruxo.

Sempre Arigó afirmou: - "Eu não curo e sim o dr. Fritz, o enviado do Pai".

José Pedro de Freitas, o Zé Arigó, morreu num desastre rodoviário, em 11 de janeiro de 1971.

O dr. Adolf Fritz, através do médium Zé Arigó, declarou que nasceu em Munich, filho de um camponês alemão. Aos 4 anos foi com os pais para a Polônia. Logo depois perdeu a mãe e algum tempo após o pai. Com esforço e muita obstinação, estudou medicina. Um mês antes de se formar, não conseguiu salvar a filha de um general, que culpou-o pela morte da filha. Foi preso, açoitado e torturado. Fugiu da prisão e foi para a Estônia, onde viveu de 1914 a 1918, onde morreu.

(Extraído de recortes de jornais noticiando o falecimento de José Arigó e do livro "Arigó - A Verdade que Abala o Brasil", de Moacyr Jorge, editado pela Editôra Cultural Espírita Ltda. - Edicel - S. Paulo)



Continuação. 1.º pag.



**Morreu Zé Arigó**

Em desastre automobilístico ocorrido ontem às 12,25 horas, morreu José Pedro de Freitas, Zé Arigó, e mais duas outras pessoas. Em uma curva da estrada, entre Congonhas do Campo e a variante para São João Del Rei, o "Médium" ao tentar ultrapassar outro veículo chocou-se frontalmente com uma camioneta do DNER. Além de Zé Arigó, perderam a vida o sr. Antonio Ribeiro, irmão do prefeito de Jeccaba e o sr. João Felício de Souza, tesoureiro do DNER. Notícias na página 3.

C O R R E I O R I O

di  
px  
fe  
vo  
ca

12. 7. 71



Somente  
que foram  
nas des  
e re  
regist  
de Ar  
desmai  
levar

# Vereador

# no velório



Congonhas Co  
com uma população  
soas que pela última  
de "Zé Arigó", sepul  
mitério Nossa Senhora  
moso médium, conh  
e que perdeu a vida  
BR-3, atraiu para ad  
te de todas as pa  
crianças, ricos ou p  
vam a fé. E ent  
quecível com aquela  
cena de comoção. C  
vam lotados. Carros  
lugares não parava  
era um só: a trágica  
Congonhas do Cam  
vida de José Pedro  
contada e recontad  
tes e alegres. As c  
lagres que realizou  
pessoas de todas as  
des ou poderosos.

Vários foram o  
manifestaram o des  
corpo daquele que  
dium de todos os te  
antecederam o sep  
cenas de incontida  
lheres desmaiavam  
zação de uma equip  
ra os casos de eme  
cenas. Antenor Ma  
nhas do Campo, rec  
tiro no cuvido. De  
Arigó, Valter de F  
quela cidade, tentou  
cunhada Gení de F  
armas que existiam  
15h30m, o corpo fo  
para o Sindicato d  
tração de Minérios  
para o cemitério lo  
ção de isolamento  
tar e sob os acord  
parte da corporaç

Mas a cerimón  
católico. Os padro  
do Campo, basead  
proibiram a entrad  
igreja. Alegaram  
parágrafo 1, n.º 1.

"Estão privados  
e das cerimónias

Com base nas informações das testemunhas que foram mandadas a Congonhas do Campo e nos despachos da AGENCIA MIÉDICA NACIONAL, o redator Circo Souza fez a dos cenas registradas durante a vitória e enterramento de Arigó. Com emoção, reportagem com desmaios, à crise nervosa, à multidão que levou o médium famoso ao cemitério Nossa Senhora da Conceição.



# creador quis morrer

## elório de Arigó

Congonhas do Campo contava, ontem, com uma população de mais de vinte mil pessoas que pela última vez queriam ver o corpo de "Zé Arigó", sepultado às 17 horas no cemitério Nossa Senhora da Conceição. O famoso médium, conhecido internacionalmente, e que perdeu a vida num desastre na antiga BR-3, atraiu para aquela cidade mineira gente de todas as partes, homens, mulheres, crianças, ricos ou pobres que nele depositavam a fé. E ontem o espetáculo foi inesquecível com aquela multidão que provocou cena de comoção. Os hotéis e pensões estavam lotados. Carros com placas de todos os lugares não paravam de chegar. E o assunto era um só: a trágica morte do homem que Congonhas do Campo aprendeu a amar. A vida de José Pedro de Freitas, o "Arigó" era contada e recontada com os episódios tristes e alegres. As consultas que deu, os milagres que realizou. E os beneficiados foram pessoas de todas as condições sociais, humildes ou poderosos.

Vários foram os que durante o velório manifestaram o desejo de ver embalsamado o corpo daquele que consideram o maior médium de todos os tempos. E nessas horas que antecederam o sepultamento observavam-se cenas de incontida emoção. Homens e mulheres desmaiavam o que obrigou a mobilização de uma equipe especial de médicos para os casos de emergência. Em meio àquelas cenas, Antenor Martins, vereador de Congonhas do Campo, recentemente eleito, deu um tiro no ouvido. De outro lado, o irmão de Arigó, Valtér de Freitas, dono do hotel naquela cidade, tentou o suicídio obrigando sua cunhada Geni de Freitas a esconder todas as armas que existiam na casa do médium. Às 15h30m, o corpo foi trasladado rapidamente para o Sindicato dos Trabalhadores da Extração de Minérios de onde o feretro seguiu para o cemitério local protegido por um cordão de isolamento formado pela Polícia Militar e sob os acordes da marcha fúnebre por parte da corporação musical da cidade.

Mas a cerimônia fúnebre não teve cunho católico. Os padres da igreja de Congonhas do Campo, baseados no Direito Canônico proibiram a entrada do corpo do médium na igreja. Alegaram com base no Canon 1240, parágrafo 1, n.º 1. que diz:

"Estão privados de sepultura eclesiástica e das cerimônias fúnebres, a não ser que te-

nam dado fiel prova de arrependimento, aqueles que são apóstatas notórios ou estejam felados à seitas heréticas ou sigmáticas ou à seitas maçônicas ou a outras organização similar".

Essa a explicação dada pelo pároco da igreja na presença de um dos irmãos de Arigó, o professor e advogado Juarez Távora de Freitas. O padre, um pouco nervoso, informou que a igreja pretende conduzir o problema com o máximo de discrição e para isso pedia a colaboração da imprensa. Explicou que os religiosos da cidade não tinham nenhum interesse em deixar "Arigó" sem a cerimônia fúnebre, mas estavam presos a um princípio de doutrina. Por fim disse que todos os padres da cidade sentiram a morte de Arigó, compreendiam o drama de sua família, mas infelizmente não podiam fazer nenhuma cerimônia pública pela alma de José Pedro de Freitas.

No último domingo "Zé Arigó" reuniu mais de quinhentas pessoas pobres de Congonhas para distribuição de presentes no valor de cem mil cruzeiros. Ele levantou cedo e atendeu mais de cem pessoas, inclusive um casal de argentinos. Às 10h30m foi para casa onde almocou com os filhos e esposa. Depois, com os filhos jogou uma partida de buraco. Depois pediu emprestado o carro do subtenente Clarindo Alves Pereira e chamou o sr. Antônio Ribeiro para um passeio no sítio que possuía perto de Conselheiro Lafaiete. Foi quando ocorreu a tragédia.

Quem mais chorava no sepultamento era Antônio de Freitas Filho, um dos irmãos de Arigó que não parava de repetir:

— Morreu nosso pai. Congonhas acabou.

Mas Congonhas do Campo não ficará sem o seu guia espiritual. Zé Arigó será substituído pelo seu sucessor, Tomir Gomes, o homem que o auxiliava durante os fenômenos mediúnicos, o homem que traduzia as receitas do dr. Fritz. Isso pelo menos é o que se pode concluir pelo que disseram outras pessoas mais ligadas intimamente com os familiares do médium. Essas mesmas pessoas comentaram que quando o médico legista Mauro de Godoy foi realizar a necropsia encontrou o corpo de Zé Arigó já aberto. Os mais crédulos tecem desencontrados comentários, chegando-se a falar num milagre.

Diário  
da Noite

São Paulo, 4.ª-feira,  
13 de janeiro de 1971



# A morte de um fenômeno

ARITA DAMASCENO PETTENA

Foi lá no sertão mineiro que eu ouvi a notícia. E se a mim ela causou um impacto quanto mais para aqueles que com ele conviveram e que dele auferiram os seus benefícios e sortilégios. Morria Arigó na tarde ensolarada de 11 de janeiro, no dia exato em que nove anos fazia que papai morrera. E as reportagens sobre o acidente que sofrera, os detalhes sobre a vida que vivera, os seres que curara, vindos em camara lenta, através de uma cadeia de emissoras, fizeram com que retrocedêssemos um pouco para meditar o que fora este homem, idolatrado por uns, combatido por outros, preso como curandeiro pela Justiça, estudado como fenômeno pela ONU.

Que fizera ele para ser tão amado em suas andanças pela terra, tão chorado em sua hora última? Que fizera ele ao mesmo tempo para sofrer a solidão de um cárcere e a tormenta de uma vil calúnia? Que nefando crime cometera para que fosse condenado, pela sordidez humana, a viver isolado no silêncio de umas duras grades?

E estas perguntas podem ser respondidas de uma só vez: cometera o crime hediondo de ser bom.

José de Freitas --o nosso conhecido Zé Arigó-- jamais poderia imaginar que, fazendo o bem, promovendo a sanha dos poderosos; que, curando pobres e enfermos, seria um forte concorrente para os comerciantes da medicina, aqueles para quem a profissão deveria ser um sacerdócio, mas que dela têm feito, geralmente, um negócio bastante rendoso, a custa do sofrimento alheio.

Arigó havia esquecido que há dois mil anos atrás um homem chamado Jesus, empunhando as armas da humildade e do amor, levando atrás de si uma legião de necessitados e oprimidos, haveria de pagar, com a sua morte, a ousadia suprema de querer implantar, em cada coração humano, uma centelha do amor divino. Arigó esqueceu tudo isso e porque esqueceu deveria sofrer nas mãos dos grandes, porque estes também esqueceram que é preciso que surgam Arigós entre as multidões para salvar do jogo e da opressão do dinheiro as alma bastardas de um mundo cão.

Afinal, a vida é assim mesmo, Zé Arigó, e tu não sabias. Espirita quando cura e macumbeiro ou tem pacto com o diabo e padre quando faz caridade é taxado de subversivo.

Mas o que seria dos Arigós se não houvesse o agulhão dos algozes a mostrar-lhes o caminho de uma fé maior. Joana D'A e tornou-se conhecida no mundo cristão não pelos seus feitos heróicos, mas pela fogueira que a queimara como bruxa, condenada que fora pelo famigerado Tribunal da Inquisição, instituído por uma "Igreja" que se dizia infalível.

Dai daí, se que a sublimação do ser humano está na sua capacidade de aceitar como parcelas de sua redenção esses pequenos embustes que a vida oferece a cada passo. São eles que tornam cheios de espinhos os caminhos para o céu, mas oferecem no topo do haste a rosa suave de uma esperança nova.

Assim Arigó, homens como tu não morrem nunca. Perpetuam-se na eternidade do tempo porque ilimitados são os desígnios de Deus: para com aqueles que, nada exigindo, fizeram de suas vidas um modelo de fé e de virtude. Guarda pois, meu bom amigo, no silêncio do teu mármore, a injúria daqueles que te acusaram. Para eles que quiseram silenciar a voz do povo, enquanto eu, vida, Deus falou meu alto no teu corpo morto. E num instante de milagre mostrou a mães que te repeliram que elas não eram dignas de macular-te as carnes, já que nunca puderam alcançar-te a alma.



DIÁRIO DO POVO - 24.01.1971

Estas perguntas podem ser respondidas de uma só vez: cometera o crime hediondo de ser bom

## RUA JOSÉ PEDRO DE FREITAS

José de Freitas --o nosso conhecido Zé Arigó -- jamais poderia imaginar que, fazendo o bem, provocaria a sanha dos poderosos; que, curando pobres e enfermos, seria um forte concorrente para os comerciantes da medicina, aquêles para quem a profissão deveria ser um sacerdócio, mas que dela têm feito, geralmente, um negócio bastante rendoso, a custa do sofrimento alheio.

Arigó havia esquecido que há dois mil anos atrás um homem chamado Jesus, empunhando as armas da humildade e do amor, levando atrás de si uma legião de necessitados e oprimidos, haveria de pagar, com a sua morte, a ousadia suprema de querer implantar, em cada coração humano, uma centelha do amor divino. Arigó esqueceu tudo isto e porque esqueceu deveria sofrer nas mãos dos grandes, porque estes também esqueceram que é preciso que surjam Arigós entre as multidões para salvar do jogo e da opressão do dinheiro as alma bastardas de um mundo cão.

Afinal, a vida é assim mesmo, Zé Arigó, e tu não sabias. Espírita quando cura é macumbeiro ou tem pacto com o diabo e padre quando faz caridade é taxado de subversivo.

Mas o que seria dos Arigós se não houvesse o agulhão dos algozes a mostrar-lhes o caminho de uma fé maior. Joana D'A e tornou-se conhecida no mundo cristão não pelos seus feitos heróicos, mas pela fogueira que a queimava como bruxa, condenada que fôra pelo famigerado Tribunal da Inquisição, instituído por uma "Igreja" que se dizia infalível.

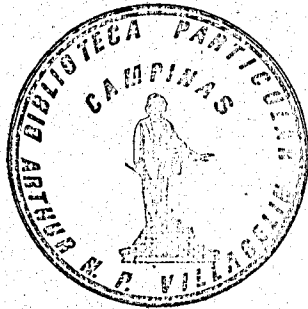
Dai dizer-se que a sublimação do ser humano está na sua capacidade de aceitar como parcelas de sua redenção esses pequenos embustes que a vida oferece a cada passo. São eles que tornam cheios de espinhos os caminhos para o céu, mas oferecem no topo da haste a rosa suave de uma esperança nova.

Assim Arigó, homens como tu não morrem nunca. Perpetuam-se na eternidade do tempo porque ilimitadas são os designios de Deus: para com aquêles que, nada exigindo, fizeram de suas vidas um modelo de fé e de virtude. Guarda pois, meu bom amigo, no silêncio do teu mármore, a injúria daqueles que te acusaram. Para eles que quiseram sufocar a voz do povo, enquanto eu, vida, Deus falou mais alto no teu corpo morto. E num instante de milagre mostrou as mãos que te repeliram que elas não eram dignas de macular-te as carnes, já que nunca puderam alcançar-te a alma.

E agora, que todo mundo já te disse adeus, e agora que és um nôvo guardião nas plagas do infinito, rezemos juntinhos a prece de Caritas, não para que a criança cresça logo, porque é tão linda a sua infância; não que as mulheres sejam mais fortes porque é tão doce sabê-la frágeis; não para que os homens se tornem mais poderosos porque tôdas essas coisas são tão efêmeras como dia que passa; não para que as prostitutas deixem a sua profissão porque esta é o seu amargo pão de cada dia, mas para que o homem conheça através de suas fraquezas que só Deus é o caminho único para o fortalecimento de uma alma só: "Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai a força àquele que passa pela provação; dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus, dai ao viajor a estrela guia; ao aflito, a consolação; ao doente, o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento; ao espírito, a verdade; à criança, o guia; ao órfão, o pai. Senhor, que Vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquêles que Vos não conhecem; esperança para aquêles que sofrem. Que Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por tôda a parte a esperança e a fé. Deus, um raio, uma faísca do Vosso amor pode abrasar a terra. Deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e tôdas as lágrimas secarão, tôdas as dores se acalmarão. Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos ó Bondade, ó Beleza, ó Perfeição, e queremos, de alguma sorte, forçar Vossa Misericórdia. Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura; dai-nos a fé, e a razão; dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se deve refletir a Vossa Imagem".







até dizia que Ze Arigo não suturou a incisão, mas forçava que a cicatriz não explicasse. O mais curioso é que a mulher de Arigo, dona Arlete, e os seus filhos foram cirurgiões dentro da família católica praticamente, até que deu a briga sua recidivante e, então, afirmou ao bilhar Damião que não afirmou ao bilhar Damião que o espírito não é uma brava que abandonou o cristianismo; o mais das vezes é um católico que finalmente encontrou Cristo".

SECESSOR

O medium Luiz Músho Ambrosio que recebe nesta capital o médium francês Charles Pierre, e é dado como sucessor de Ze Arigo, disse ontem ter tido às 12.25 horas a visão do desastre que matou José de Freitas na Dz 133.

Bastante chocado com a visão, Músho lembrou-se de que Ze Arigo havia sido prevenido pelo dr. Fritz para uma "carnificação violenta", como de fato ocorreu.

Se o médico falou, tem que ser operado mesmo. Ele estudou foi para isso.

Alias, ultimamente é este estado de dedicando a construção de um grande hospital em Congonhas do Campo, em terreno doado pela família e com recursos próprios. Contudo, ele quase não tinha clientes de Congonhas; "santo da casa vo da terra a seu respeito. Mas Ze Arigo conquistou o respeito e até a amizade da elite da cidade. O médico Mauro Godoi, que mora lá desde 1960, já havia sido convidado para dirigir o hospital, em construção e muitas vezes mandou clientes seus consultarem o espírito do dr. Fritz.

Também se dava bem o prelo, até que seu pai, Antônio de Freitas, vereador e presidente da Câmara Municipal há 18 anos, cassou-lhe e mandou sob a acusação de peculato. Muitos acusaram Ze Arigo de inclusive sua filiação a Aringa, interesses políticos, estando mas negava o fato com veemência, afirmando que sua missão na terra era apenas a de propagar o espiritismo e fazer o bem. E a isso dedicava quase todo o seu tempo. Apenas nos fins de semana ia às suas fazendas, terras herdadas, onde mantinha uma grande e bela plantação de rosas e de onde tirava o sustento da família.

colaboraram, em nome do Arigo, recolheu pedir-lhe que operasse. Seu depoimento foi publicado por uma revista especializada neste assunto.

Por um momento, Arigo voltou ao braço de Puharich para os que estavam na fila de consultas, pediu uma faca. Escolheu uma dentre várias que lhe foram oferecidas, e a deu para a que dois norte-americanos a examinaram. Era, não uma faca, mas um canivete de bolso, de lamina retrátil, não esterilizado. Segurando-o com a mão direita, Arigo firmou o braço de Puharich com a esquerda e fez uma incisão. O sangue principiou a escorrer da carne cortada. O instrumento não foi introduzido na incisão nem tocou no tumor, pressionando a ferida com

Arigo nunca recebeu um teste das centenas de pessoas que atendia diariamente, da manhã às oito da noite, no pequeno consultório do Centro Espírita Jesus Nazareth, a 70 quilômetros de Ecol Horizonte, numa cidade a 900 metros de altitude. Muitas vezes ele foi acusado de lucrar monetariamente com as receitas imensas que passava, em nome do dr. Fritz. No entanto, nunca ninguém pôde provar que fossem dele ou de parentes as farmácias de Congonhas, ou que tivesse ligações com laboratório.

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

Arigo nunca recebeu um teste das centenas de pessoas que atendia diariamente, da manhã às oito da noite, no pequeno consultório do Centro Espírita Jesus Nazareth, a 70 quilômetros de Ecol Horizonte, numa cidade a 900 metros de altitude. Muitas vezes ele foi acusado de lucrar monetariamente com as receitas imensas que passava, em nome do dr. Fritz. No entanto, nunca ninguém pôde provar que fossem dele ou de parentes as farmácias de Congonhas, ou que tivesse ligações com laboratório.

Ze Arigo morreu cumprindo o que chamava "sua missão": curar o que muitos médicos não haviam podido sequer diagnosticar.

Ze Arigo morreu cumprindo o que chamava "sua missão": curar o que muitos médicos não haviam podido sequer diagnosticar.

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

O acidente ocorreu às 12.25 horas, no quilômetro 374 pouco depois do entrocamento de Congonhas, quando Ze Arigo, em companhia de Antônio Ribeiro, dirigia-se para Conselheiro Lafaiete. No acidente, que destruiu totalmente o Opala e parcialmente a camioneta, ficou ferido José Timóteo dos Santos, o motorista do DNRE.

Ze Arigo morreu cumprindo o que chamava "sua missão": curar o que muitos médicos não haviam podido sequer diagnosticar.

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

O acidente ocorreu às 12.25 horas, no quilômetro 374 pouco depois do entrocamento de Congonhas, quando Ze Arigo, em companhia de Antônio Ribeiro, dirigia-se para Conselheiro Lafaiete. No acidente, que destruiu totalmente o Opala e parcialmente a camioneta, ficou ferido José Timóteo dos Santos, o motorista do DNRE.

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

Embora poucos lhe notassem o caráter filantrópico, Ze Arigo só arrumou problemas para a cidade José Pedro de Freitas, acusado de prática ilegal de Medicina, curandeirismo e atividades mágicas. Quando em 1953, recebeu no ano seguinte intuído do presidente Juscelino Kubitschek em 1961, enfrentou novo processo abertamente a pedido da Associação Médica de Minas Gerais e do Conselho de Medicina do Estado. O processo arrastou-se até 1963, quando José Pedro de Freitas foi condenado a 16 meses de reclusão, a cumprir na cadeia de Conselheiro Lafaiete, pelo juiz Aristeu Monteiro de Barros. Depois de cumprir sete meses, foi libertado por habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal, baseado na tese de que a demora no julgamento do apelo não implicava a condenação e estava prejudicada a liberdade de

# CORREIO POPULAR

Terça-feira, 12 de Janeiro de 1971

## ZÉ ARIGÓ

**BELO HORIZONTE, 11 (AE)** — O medium Zé Arigó morreu às 13 horas de hoje, na ER-3, a dois quilômetros da Congonhas do Campo, quando perdeu o controle do Opala que dirigia e o carro se chocou contra uma C-14 do DNER, num desastre que matou também o tesoureiro João Felício da Ajuda Sousa, do DNER, e Antonio Ribeiro, irmão de Felício do medium. O motorista da C-14, José Timóteo dos Santos, com ferimentos leves na cabeça e no peito, escapou a morte e declarou que, como estava chovendo, Zé Arigó, depois de uma curva, não conseguiu controlar o Opala, que rodopiou na pista e bateu contra a frente de seu veículo, quando tentava evitar uma C-14 que se aproximava da estrada. Como fazia todas as tardes, Zé Arigó se dirigia à sua fazenda, em Alto Paraíso, para descansar um pouco, antes de conceder consultas a tarde. Como sua C-14 está no conserto — um amigo a capotou há cerca de um mês — o medium arrojou emprestado o Opala azul de placa 37-87-37, de propriedade do tenente Cláudio. Saiu de Congonhas cerca de meio-dia e, uma hora depois, a cidade chorava sua morte, com o comércio fechando e o prefeito decretando o luto oficial de dois dias.

### O ZEMASERE

Segundo as autoridades e o motorista José Timóteo dos Santos, Zé Arigó perdeu o controle do Opala, na pista molhada, pois corria bastante. O carro rodopiou na pista e bateu, de lado e violentamente, contra a C-14 do DNER, que tratava em sentido contrário. José Timóteo na tentativa de evitar o choque, ainda bateu em uma árvore, mas a trembada acabou acontecendo no acostamento. Zé Arigó, o medium de 49 anos de idade, que dia 15 do mês que vem completaria 23 anos de atendimento a clientes, usando o espírito do Dr. Fritz — medium alemão ao qual atribuiu suas operações, nas quais usava apenas canivete, estilete e tesoura, com resultados que o tornaram famoso em todo o mundo — morreu em consequência de traumatismo no crânio e de ruptura do baço e fígado. Deixa seis filhos, a esposa Arlete e uma cidade — Congonhas do Campo desorientada, pois em cada cem pessoas que ali iam, 95 o procuravam, tentando resolver seus problemas. O corpo do medium que, segundo seus pais, filhos e amigos, falava muito ultimamente que sua morte estava próxima — começou inclusive a preparar seu secretário Altamir Gomes de Araujo, o preto (homem que trazia suas receitas, escrevendo-as a máquina, no Centro Espírita Jesus Nazareno) para substituí-lo — está exposto no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Metais Básicos de Congonhas e será enterrado às 15 horas de

## MORREU EM

**BELO HORIZONTE, 11 (AE)** — No domingo, o medium promoveu o Natal dos pobres de Congonhas, distribuindo 42 mil cruzeiros em roupas e alimentos, e acertou os detalhes para o início de funcionamento em uma casa de sua propriedade, do Hospital Frei Fabiano de Cristo, pertencente à Fundação São Camilo de Leis. Os outros mortos no desastre também serão enterrados amanhã. O tesoureiro João Felício da Ajuda Sousa, em Belo Horizonte, e Antonio Ribeiro, em Jeceaba, cidade vizinha de Congonhas.

### A VIDA DE ARIGÓ

Além de despertar o interesse de muitos doentes que vieram da Argentina, Uruguai, Estados Unidos e até mesmo da Europa, para consultar-se com Zé Arigó, o fenômeno do medium de Congonhas do Campo despertou a atenção dos cientistas internacionais. O dr. Aníbal Pukarick, integrante do Balk Psychic Research Foundation, de Nova Iorque, organização ligada a NASA, que prepara os astronautas americanos, esteve com Zé Arigó em 1965 e convidou para uma visita aos Estados Unidos. Durante o encontro, o dr. Andujia foi operador de um tumor no braço esquerdo. Quando voltou aos Estados Unidos foi examinado por uma junta médica de alto gabarito, que comprovou o êxito da operação. Os médicos afirmaram, após exame, que o mais competente dos cirurgiões teria levado no mínimo 15 minutos para fazer a operação e o resultado dificilmente poderia ser previsto, pois um dos dedos poderia ter ficado paralisado, em virtude da operação feita muito próxima a um músculo do braço. Entretanto, o dr. Andujia foi operado sem sentir, durante uns cinco minutos em que conversou com Zé Arigó.

Também o Colégio Argentino de Estudos Psíquicos e Parapsicológicos se interessou pelo "fenômeno Arigó" e pediu à Associação Médica de Minas Gerais que o caso do medium de Congonhas do Campo fosse estudado com todo carinho, "pois não se tratava de curandeiros, mas de fenômenos muito além de nossas imaginações".

Zé Arigó, fazia constantemente operações nos olhos dos "clientes" usando apenas uma faca de cozinha e um algodão. Não desinfectava seus "instrumentos de trabalho" nem usava anestesia, mesmo assim, os doentes nunca se queixaram de dores ou infecções após a operação. Além dessas operações comuns, Zé Arigó operou vários tumores cancerosos. Ele fazia suas operações assim:

— "Meu olho não está nada bom, dr. Fritz — quei-

"Não está mesmo. Vejam vocês o que eu vou fazer e que nenhum médico do mundo faz, sem tirar sangue, nem doer". Encostava o doente na parede, metia a faca por entre as pálpebras, de uma só vez, a ponta levantava a pele por cima da sombrancelha. Com gestos bruscos da mão direita-enquanto a esquerda segurava a cabeça do doente contra a parede — Zé Arigo ia raspando o olho do doente.

**B. HORIZONTE, 5 (AE)** — Zé Arigó foi sempre acusado de enriquecimento ilícito, embora sempre tenha se mostrado um homem pobre... Acontece que o hotel de seu irmão, em Congonhas do Campo, vivia sempre cheio de hóspedes que iam procurar a Zé Arigó, as farmácias da cidade, também pertencentes a amigos do medium, viviam cheias de freqüentes. No final, não eram apenas Zé Arigó e seus parentes e amigos que lucravam com as "operações do dr. Fritz": era toda Congonhas do Campo que recebia diariamente milhares de pessoas vindas de outros Estados — e até mesmo do exterior — umas para buscar a cura de seus males. Outras para ver o fenômeno das operações mediúnicas. Agora, Zé Arigó morreu. Ninguém havia provado a existência ou não do famoso dr. Fritz nem se havia chegado a uma conclusão séria a respeito do fenômeno, uma vez que a dúvida sempre persistiu: milagres verdadeiros, ou simples charlatanismo. Entretanto, agora, uma coisa é certa. Congonhas do Campo vai voltar a ser uma cidade pacata, procurada pelos turistas que vão ver as famosas obras de Aleijadinho. A cidade morreu um pouco com Zé Arigo.

## DESASTRE



ANPV 1-2295-13